

Editorial

A promessa que se cumpre: Husserl e sua herança fenomenológica

A vara do homem que eu tiver escolhido florescerá; assim farei cessar as murmurações dos filhos de Israel contra mim, com que murmuram contra vós.
Javé¹

A fenomenologia originária (...) recusa à ciência do homem, qualquer que seja, toda participação na fundação da filosofia e combate sob o título de antropologismo ou de psicologismo todas as tentativas que aí se empregam.
Não chegarei nunca a ser um filósofo.

Husserl²

A fenomenologia pode ser considerada a *protofilosofia* de boa parte (senão *tudo*) daquilo que perfaz a *filosofia contemporânea* dita *continental*;³ em autores como Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty, que *declaram* sua filiação a Husserl, isso

¹ BÍBLIA SAGRADA. (1993). Edição Pastoral. 6ª reimpressão. Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulinas, Nm, 17:5.

² Pela ordem, HUSSERL, E. (s-d). *Notes sur Heidegger*. Collection ‘Philosophie’, par Didier Franck. Paris: Minuit, p. 57; Husserl, conf. BREDÁ, V. *Cahiers de Royumont*, apud. OSSWALD, E.P. *Husserl y Heidegger*. Disp. <http://www.cienciared.com.ar/ra/usr/10/291/husserl.pdf>, consulta 15-04. 2017, 09h21.

³ É estranho, mas atualmente a *filosofia* pode ser *continental* ou *insular*, cabendo à primeira um *vínculo histórico-linear* com a história da filosofia, e à segunda, sua filiação à tradição filosófica *inglesa*; nesse sentido, a fenomenologia nasce do debate de Husserl com Kant que, por sua vez, *critica* Descartes e Hume sendo esses – cada um a seu modo – críticos da filosofia medieval que, no princípio da era cristã, teria suas raízes no arcabouço *filosófico* grego (ainda que com outra *intenção* e a partir de *outros instrumentos*). Pode parecer que as ontologias contemporâneas (Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty) – por que *ontologias* – teriam *ignorado* Kant; de modo algum. Heidegger, em *Meu caminho para a fenomenologia* é categórico: Husserl, com a noção de *intuição categorial*, liberta o ser do juízo, donde *a ontologia somente é possível como fenomenologia* (DA SILVA, L. D. 2012 *Conhecer e ser no mundo*, disp. <https://periodicos.ufm.br/principios/article/view/7579/5642>). Ainda, não se pode esquecer, o *adversário* primeiro e imediato da *filosofia analítica* (dita *insular* porque *nascida* na Inglaterra e radicada nos Estados Unidos da América) é a fenomenologia: seja por uma questão de proximidade temporal, o fato é que “Frege foi o avô da filosofia analítica, Husserl o fundador da escola fenomenológica, dois movimentos filosóficos radicalmente diferentes. Em 1903, como eles teriam aparecido a qualquer estudante alemão de filosofia que conhecesse o trabalho de ambos? Certamente, não como dois pensadores profundamente opostos: ao menos como, notadamente, próximos em sua orientação, apesar de algumas difergências de interesses” (Michael Dummett, citado por CRITCHLEY, S. *Continental Philosophy*. New York, Oxford Press, 2001, p. 15, trad. nossa); o que o *estudante alemão* diria hoje, passado pouco mais de um século?

fica mais evidente. Todavia, e esse *dossiê* é prova disso, a fenomenologia não se restringiu ao âmbito filosófico, mas adentrou o campo da psicologia e psicanálise; e mais, atua também no *sisudo* meio das *ciências* sociais. Quando se fala, hoje, em *fenomenologia*, é preciso admitir que – ao menos para boa parte daquilo que se pode considerar um *movimento filosófico fenomenológico* – o paradigma kantiano tem pouca ou *nenhuma* importância: Husserl revelou a *intuição categorial*, e dela – considerando-se que o objeto é *posto perante nossos olhos* em sua *forma* – toda uma *nova* fronteira investigativa se abre.⁴ O ser *objetal*, como pretendeu Kant, permanece um predicado *não real*; mesmo assim, cabe perguntar: se o fenômeno revela o Ser em seus entes, o *significado múltiplo dos entes* não revelaria seu *significado fundamental*?

Não se trata mais de digladiar a respeito do *estar aí adiante* do mundo, discordância que teria alimentado o debate epistemológico moderno; mas nem tudo é ponto pacífico: nem mesmo a *fenomenologia pura* – a *veemente necessidade* de adentrar o campo transcendental e *dali* desvendar o *a-priori da correlação*, a obrigação de efetuar a *epoché* fenomenológica, o cuidado, radicalidade e rigor, a *pureza* sonhada e insistentemente *buscada* pelo mestre Husserl – é, em nossos dias, definida por princípios unívocos. Na verdade, boa parte da indagação que se poderia dizer *fenomenológica* está circunscrita àquilo que Husserl teria delimitado como ambiente de *ontologias regionais*; ou, o *mundo da atitude natural*. Dito de outro modo, se mesmo Heidegger, com todo seu malabarismo linguístico para

⁴ “O objeto não é meramente visado com essas formas categoriais, como no caso da função meramente simbólica das significações, em vez disso ele próprio é posto perante nossos olhos, justamente nessas formas; em outras palavras: ele não é apenas pensado, ele é precisamente **intuído** ou respectivamente **percebido**” (HUSSERL, E. *Investigações Lógicas*. Trad. Zeljko Loparic e Andrea Loparic. Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974, p. 115).

desvencilhar-se do *entulhamento* da noção de *homem*, recebeu duras críticas do mestre Husserl, o que dizer de Sartre e sua filosofia do *homem-no-mundo*? Ou de Merleau-Ponty e da mirada fenomenológica da percepção?

Nem por isso cabe dizer que a fenomenologia tenha sido, nalgum momento, *deixada de lado*; menos ainda, é claro, pode-se admitir – por qualquer razão que seja – que ela esteja *superada* por alguma *das filosofias* que ela mesma provocou. Por mais *barulho* que a analítica existencial, o existencialismo ou qualquer outra filosofia da existência, ou arqueológica, ou genealógica, ou hermenêutica, tenha feito, *todas* (excetuando-se as filosofias que se autodenominam *analíticas*) amparam-se nesse *passo* dado por Husserl em relação a Kant. A prerrogativa de Heidegger – de que, sendo *a fenomenologia um movimento naquilo que lhe é mais próprio* (atender ao apelo do Ser, ou *corresponder ao apelo daquilo que deve ser pensado*), ela *poderia desaparecer como expressão* – jamais foi cumprida. E, não por acaso, seis anos após fazer essa afirmação ele mesmo se *explica (post scriptum)*: trata-se, agora, de *captar a fenomenologia* como possibilidade. Explicação bem-vinda, todavia, desnecessária: *Ser e Tempo* é a prova heideggeriana de que a fenomenologia, até hoje, tateia no intuito de realizar-se como *movimento*; e, talvez, *algum dia* ela seja superada, mas nem isso a privaria de sua fertilidade: *acima da atualidade está a possibilidade*. Assim, fica difícil, hoje, pensa-lo como mero *epígono* de Husserl: Heidegger inaugura *sua filosofia* de dentro da fenomenologia. O mesmo precisa ser dito a respeito de Sartre e de Merleau-Ponty, e de todos aqueles que se afirmam *herdeiros de Husserl*.

É anedótica a passagem na qual Heidegger, ao *saber* do existencialismo de Sartre, tenha o *alcunhado* de bom jornalista; mas, não se pode esquecer, Husserl declarou de seu pupilo mais

próximo que a ontologia *heideggeriana* repete a *tendência antropológica* da mais nova geração de filósofos alemães. Longe de querelas, o fato é que tanto o *mundo reduzido* quanto o *mundo da vida* – em ambos há *jornais-à-mão* tanto quanto *diários etnográficos* e *entrevistas* – serão pretextos para a filosofia fenomenológica contemporânea; ou melhor, a fenomenologia será *movimento*, mas antes e mais, *é possibilidade*: é possível uma fenomenologia do *Dasein*, mas também o é uma fenomenologia do *olhar* tanto quanto outra, *da percepção*; e chame-o *Dasein* ou *Para-si*, o fato é que nessas filosofias é o homem quem toma o lugar central da argumentação, tanto como *investigador* quanto como *investigado*: a prerrogativa da *intencionalidade da consciência* será o mote do *ensaio de ontologia fenomenológica* de Sartre, ainda que a *epoché* não apareça em sua filosofia senão como alvo de críticas. E será a fenomenologia a *razão fundante* da *Fenomenologia da Percepção*: o prefácio dessa obra mostra um Husserl de um realismo que chega a fazer brilhar os olhos de Sartre.⁵

Sendo *já* ou *ainda não* movimento, a fenomenologia é ampla e diversificada; e sua amplitude se faz ver tanto horizontal quanto verticalmente. O *horizonte fenomenológico* se revela em três momentos precisos, presentes nos três primeiros artigos a seguir: a *vida* do próprio Husserl, a *novíssima* fenomenologia da

⁵ Sartre afirma que “Assim chegamos à ideia de *fenômeno* como pode ser encontrada, por exemplo, na ‘Fenomenologia’ de Husserl ou Heidegger: o fenômeno ou o relativo-absoluto. O fenômeno continua a ser relativo porque o ‘aparecer’ pressupõe em essência alguém a quem aparecer. Mas não tem a dupla relatividade da *Erscheinung* kantiana. O fenômeno não indica, como se apontasse por trás de seu ombro, um ser verdadeiro que fosse, ele sim, o absoluto. O que o fenômeno é, é absolutamente, pois se revela como é” (SARTRE, J-P. *O Ser e o Nada*. Trad. Paulo Perdígão. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 16). Merleau-Ponty, por sua vez, declara que “A aquisição mais importante da fenomenologia foi sem dúvida ter unido o extremo subjetivismo ao extremo objetivismo em sua noção do mundo ou da racionalidade”, donde “A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo, e nesse sentido uma história narrada pode significar o mundo com tanta ‘profundidade’ quanto um tratado de filosofia” (MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Carlos A. R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006, pp. 18-9).

vida (e animal) e o caráter *sempre vivo* da fenomenologia, *desafiadora* a cada vez que algum homem – por mais competente, sábio ou capaz que seja – pretenda colocar-se do ponto de vista de Deus; a *verticalidade* da fenomenologia também impressiona, pois se Sartre e Merleau-Ponty – além de Heidegger, claro! – declaram sua filiação a Husserl, outros tantos deverão *conquistar* essa herança. Ou, a bem ver, como se passa no quarto artigo desse dossiê, *todos* que se pretendam herdeiros de Husserl *deverão* fazer por merecer – e tantos o fizeram. De Foucault a Gabriel Marcel, de Levinás a Simondon... A descendência dessa *vara de Arão* filosófica, que brotou do projeto de uma *ciência de essências*, não se encerra por aí; há tantos outros, em tantas outras áreas do conhecimento quantas hajam. Felizmente, a dificuldade dessa apresentação é bem menor: trata-se aqui apenas de decidir um critério para dispor os artigos subsequentes.

Uma família desenvolve sua *genealogia*, e os *parentescos* podem ser surpreendentes: surpreende a quase *fraternidade* de Frege e Husserl, ainda que seus *herdeiros* se percam em guerras por questões *territoriais* (ou *marítimas*); surpreende que a psicanálise, *apesar* da intencionalidade da consciência, possa *reportar* a Husserl; surpreendente a *humanidade* do filósofo que, no momento derradeiro, *morreu como um santo*. Morrer: se *Dasein* é ser-para-a-morte, nesse instante Husserl realizou seu ser; mas se morrer é *encerrar projetos*, como quis Sartre, então nesse momento Husserl encerrou sua filosofia *para si mesmo*. A fenomenologia, contudo, está *aí para nós*, ela permanece muito *viva*, afinal, somente poderia morrer *acompanhada* do último homem. Ela *vive em nós*, ela se fez familiaridade *vertical* com a herança de Husserl, de seus epígonos, ou epígonos de epígonos, ou aqueles que nele se inspiraram. E *também* já morreram. A ordem dos artigos será necrológica, e nesse quesito Merleau-

Ponty leva vantagem; em seguida foi a vez de Marcel deixar o mundo, acompanhado de perto por Sartre; e, para encerrar o dossiê, tem-se a vez de Foucault, seguido por Simondon e Levinás. Cada um desses *herdeiros*, *parentes próximos* ou somente *admiradores* de Husserl e sua *fenomenologia*, fez jus a seu lugar nessa disposição, na medida em que foi nessa *ordem* que o *movimento da fenomenologia* se encerrou para cada um deles. Para nós, que ainda não morremos, ela permanecerá aí, fugidia, *mas* sempre à disposição; o ser, que se revela fenomenologicamente, o faz *em seu ocultamento*, como dirá Heidegger. A questão sobre o sentido do ser em geral ainda não foi respondida a contento e, por certo, jamais o será em definitivo; a fenomenologia revela ser-no-mundo em seu *sendo* e, assim, perfaz o trabalho sempre já iniciado e ainda sempre por fazer, de *revelar ser*.

É nesse sentido que tem-se o artigo de abertura desse dossiê: Adriano Holanda, Tommy Goto e Ileno Costa revelam todo o alcance da fenomenologia, esse *método* tornado filosofia que – diferentemente dos temores de Heidegger – não apenas está *vivo* como alastrou-se para a maioria das *áreas do conhecimento*; mais do que isso, esse artigo mostra – a partir do *entrelaçamento* entre *a obra e o homem* Husserl (visto que, fenomenologicamente, vida e obra são *inseparáveis*) – toda a humanidade dessa *existência* que, após Kant, *inventou* uma margem de indagação *não ortodoxa* sobre o Ser. Mesmo que essa não fosse sua preocupação principal, o fato é que a fenomenologia é mãe de todas as *ontologias regionais*, que se realizam a partir da *existência* do homem Husserl, para sua esposa e para discípulos próximos e distantes; e, mesmo, para seus *epígonos*, para além de Heidegger e outros alemães, para boa parte da filosofia francesa contemporânea, para a *história da filosofia*,

enfim. Em *A herança fenomenológica: memórias e recordações de Edmund Husserl*, os autores revelam o *péssimo aluno* que, em sua *juventude*, dava-se a observar estrelas; relatam sua mudança para Berlin, movida *pelo céu estrelado* do conhecimento, tal como Husserl mesmo declara. Aquele *aluno* é, agora, o jovem-doutor-filósofo-entusiasta e, algum tempo depois será, ele mesmo, estrela da maior grandeza. É tocante o relato de *fatos marcantes* da vida de um Husserl *humano e frágil*, que pouco traduz daquele filósofo *sério e obstinado* em sua busca, que será interrompida *após nove meses de dor*; os relatos de Malvine, sua esposa, e de Edith Stein, sua discípula *mais próxima*, revelam toda a *humanidade* dessa *estrela maior* da fenomenologia, enquanto Patocka faz ver no mestre a *herança* de diálogo, interlocução e abertura, tripé desse método, feito *filosofia viva*. Faz ver mais: seu relato coincide com a derrocada do professor Edmund e da luta de *amigos e discípulos* para salvar seus escritos que, por certo, seriam destruídos pelas hostes nazistas; felizmente, e por caminhos os mais tortuosos, o padre franciscano Herman Van Breda escondeu consigo o pensamento desse homem genial. Com isso ele, ao mesmo tempo, *presenteia e responsabiliza* a posteridade filosófica pelos *rumos da fenomenologia* – mas, dessa feita, com a possibilidade de *conhecer* os rumos dessa ciência conforme *pensados* por seu criador. O medo bizarro de Husserl, de não ser filósofo, é contradito num dos maiores florescimentos filosóficos: mais do que *patriarca* da fenomenologia, Husserl é o iniciador de um movimento filosófico que *ainda hoje* não está esgotado.

É exatamente essa *contemporaneidade* do método fenomenológico que inaugura o segundo artigo desse dossiê: Etienne Bimbenet toma por objeto de suas análises o debate fenomenológico da maneira como ele se apresenta, hoje, na

França. A preocupação com aquilo que o autor considera uma *virada antropológica*, que por certo encontra seus adversários na trincheira fenomenológica, indica quão distante pode ir a investigação iniciada por Husserl. E, mais, esse artigo é precioso para mostrar a distância do debate fenomenológico no Brasil e na França: ao passo que aqui se digladiava sobre aspectos e exigências do modelo transcendental-idealista de Husserl, lá discute-se *fenomenologia da vida*, filosofia fenomenológica *atual*, desenvolvida pelo pensador francês Renaud Barbaras. Mais ainda, em *Entre a fenomenologia do animal e a fenomenologia da vida – por uma virada antropológica*, o autor investiga as modalidades de consciência intencional e as razões (possíveis) de separar o homem de sua *situação* (por que separar a *vida em geral* de sua expressão *empírica* no animal?); ou, a *virada antropológica* em fenomenologia re-enraiza o homem em seu meio. Não se trata, de modo algum, de fazer do homem *objeto dentro do mundo*, mas de resgatar a *carne* daquilo que Heidegger pensou como *ser-aí*, e Sartre descreveu como *ser-para-si*; mais que *transcendental* ou *a-priori*, trata-se de recolocar o homem em seu mundo e, *dele*, descrever aquilo que *aparece* (enquanto *espécie de viventes*) sem a necessidade de homogeneização ou universalização prévias. A fenomenologia pode assumir-se como *eidética regional*, afinal com isso o ponto de vista *racional* pode aproveitar-se das invenções e *contribuições* empíricas; claro que isso vai exigir abrir mão da pretensão inicial desse projeto, a *univocidade* da ciência de essência, mas com o ganho maior de ser uma filosofia viva, mais de um século depois de sua *invenção*. A fenomenologia, *movimento* filosófico, ainda *hoje* segue seu curso e persegue seu *destino* – a morte de um ou *alguns* homens *filósofos* encerrou *seus* projetos, é verdade, mas de modo algum *encerrou* o movimento da fenomenologia. Ele segue.

Ademais, engana-se quem reduz a atualidade da fenomenologia apenas aos círculos *filosóficos*; sua amplitude *horizontal* também adentrou outros *espaços* da indagação ontológica humana. Para além das ciências sociais, João Cunha e Léa Silveira mostram que a fenomenologia também permanece viva no plano da psicanálise. Ao *voltar-se para as coisas mesmas* Husserl estabeleceu as bases para *renovar todo o conhecimento*, e, como pretendeu Sartre, trata-se de *também renovar toda a psicologia*; e a psicanálise. Ora, a consciência é intencional: o *homem-no-mundo* é também *o-mundo-para-o-homem*, donde a realidade humana – como mostra Merleau-Ponty – exija a reconciliação entre *pensamento* e *experiência* do mundo. Assim, os autores colocam em pauta as *condições de possibilidade* de uma tal *ciência* da alma e, claro, a condição primordial para tanto é que haja *sujeito*. Todavia, *qual* sujeito? É por essa via que entra em cena Lacan que, em sua crítica a Freud e à noção de *sujeito moderno*, volta-se para a fenomenologia; ou, ao menos, usa suas ferramentas para reparar aquela dualidade que foi trazida pela modernidade para o cerne mesmo do homem. Em *Revolução científica e condições de possibilidade da psicanálise – sobre a presença de Husserl em ‘A ciência e a verdade’* os autores mostram bem mais que reflexos da fenomenologia em Lacan: discutem a bipartição moderna entre *mundo da vida* e *objetividade científica*, que reduz a subjetividade humana à mera *pré-objetividade*, e reserva às *objetividades ideais* o lugar da verdade. Tanto o cogito cartesiano quanto as demais *investigações modernas sobre o entendimento*, incluso aquela *inflexão transcendental* proposta na crítica de Kant, teriam *parado no caminho*; e, assim, para Husserl a fenomenologia seria a *forma final da psicologia* (filosofia transcendental como *fenomenologia*). A imbricação torna-se patente: a *psicologia*

empírica seria o sintoma mais evidente da urgência de *superar* essa bipartição do modelo de subjetividade, o que se em Husserl aponta para a *fenomenologia transcendental*, em Lacan remete de imediato à psicanálise. Assim, malgrado a *presença insistente* do nome de Koyré, trata-se de recuperar a *sombra de Husserl* na estruturação epistêmica do pensamento de Lacan e da psicanálise *pós-moderna*; ou melhor, bem mais que uma sombra, também aí a fenomenologia fez sentir seus efeitos.

O século XX foi o tempo da fenomenologia, pode parecer; mas desde então houve algo além de *fenômenos* a serem pensados? Não parece. Falar em homem ou em mundo *separados* permanecerá uma alternativa, mas seus resultados jamais poderão assemelhar-se à toda a riqueza do método fenomenológico. Se nos anos 1920 Husserl chegou a afirmar que a fenomenologia se resumia a *ele e Heidegger*, Fabio Recchia faz ver algo bem diferente: se essa edição da Revista propõe revisitar a *herança fenomenológica*, o autor lembra que *em filosofia não há legado senão ganhado*; o autor leva a *re-pensar* a ideia de *herança* em filosofia. Para tanto tem-se a dissecação desse *algo*, que *se passa* entre o açodado contato de Sartre com a fenomenologia – essa *ciência de essências* (1932) – e a noção de um *circuito da ipseidade*, levada a público em sua *ontologia fenomenológica* (1943); de fato, entre o idealismo husserliano considerado por Sartre como a *mais realista das filosofias*, e a sutileza dessa *modalidade existencial* que se perfaz em *Ek-stases* (circuito da Ipseidade), há Heidegger. Mas engana-se quem pensa que tudo se resolve tão facilmente: apesar da inegável relação entre Sartre e Heidegger, o autor mostra que a filosofia sartriana se recusa a admitir a finitude; e é isso que a leva, por um retorno, a Bergson: levado por sua recusa do idealismo de Husserl e, no mesmo sentido, por não aceitar a *finitude* na qual Heidegger, sem mais,

enclausura a existência, Sartre volta-se para a França. Conforme já anunciado, em filosofia herança *não se herda*, mas se conquista: o autor leva a filosofia da liberdade, fenomenológica em seu método e ontológica em sua consecução, para o plano da antropologia: após *jogar suas heranças umas contra as outras*, é a Mauss que Sartre se dirige. O inusitado dessa inflexão, da fenomenologia à ontologia, e dessa à antropologia; ou o tortuoso caminho, de Husserl a Heidegger, tendo Bergson e Mauss como *paradas itinerantes...* As teses de *Heranças tornadas conceitos – observações sobre a noção de ipseidade em Sartre* são bastante questionadoras e, assim, fica *introduzida* a amplitude vertical da fenomenologia.

Husserl é o pai da fenomenologia, Heidegger o responsável pela *inflexão* que faz da *ciência de essências* do mestre o caminho mais próprio daquilo que é o mote de todas as ontologias atuais; mas a *vara* fenomenológica floresceu em todo seu esplendor na França: além de Sartre, tomado aqui como exemplo da *fertilidade da fenomenologia* e do qual teremos o prazer de falar mais adiante, Merleau-Ponty completa a lista de *primeiros herdeiros*. E, como o filósofo francês foi o primeiro a *encerrar* seu projeto filosófico, no dia 3 de maio de 1961, terá ele o privilégio de *iniciar* esse necrológio; assim, o artigo de Carlos Tourinho parte da recepção de Husserl na França: tanto a filosofia quanto as ciências *humanas* terão, no início do século XX, que se haver com as noções de consciência intencional. Isso exige imediata reformulação da engessada e ineficaz noção de um sujeito de conhecimento que, do alto de suas certezas, relaciona-se com seu objeto; ademais, a *epoché radical* sempre estará à espreita de toda *ciência*. É centrado nas divergências relativas ao método indutivo que o autor se pergunta da aplicabilidade da fenomenologia no plano das ciências sociais como alternativa às

concepções *positivistas*; e responde: caberá a Lyotard e Merleau-Ponty a tarefa de, na França dos anos 1950, estabelecer a *visada fenomenológica* das ciências humanas.⁶ A antropologia finca de vez suas raízes no mundo-da-vida? Ainda não. *O método fenomenológico nas ciências humanas: a recepção de Husserl na filosofia francesa contemporânea* responde que, talvez, a fenomenologia ainda não tenha ido tão longe; ainda assim, mostra que para Lyotard não há nada de mais na proposição de uma sociologia fenomenológica (algo que poderia provocar arrepios em Comte, se ele estivesse vivo) tanto quanto não causa espanto falar-se de uma psicologia e história *fenomenológicas*.

Merleau-Ponty, não muito distante daí, entende a fenomenologia como a ciência dos vividos: não apenas aqueles *intencionais da consciência*, mas essa *vasta esfera de significações* – o mundo. É por isso que descrever a chegada da fenomenologia na França é *quase o mesmo* que mostrar que a filosofia *fincou definitivamente* seus pés no mundo da vida; mas a morte sempre está presente: no dia 8 de dezembro de 1973 Gabriel Marcel abandona o mundo dos vivos, o que o coloca como segundo filósofo dessa homenagem póstuma. E, antes de partir, ele deixa aos *demais homens* seu projeto de uma *filosofia do homem engajado*: essa é a temática trazida por Claudinei Silva, em seu artigo *A militância do concreto: Gabriel Marcel, acerca do engajamento*. Nesse intuito, o autor apresenta a noção de engajamento, que teria sua origem mais vizinha no existencialismo e, portanto, caudatário da fenomenologia. Trata-se, pois, de uma *terceira geração* – pode-se dizer assim – da

⁶ Observa-se aqui que a morte de Jean-François Lyotard se deu dia vinte e um de abril de 1998, o que faria desse artigo o *último* na apresentação desse dossiê-*necrológico*; todavia, considerando-se a importância de Merleau-Ponty no debate fenomenológico nacional – e a economia do texto – decidiu-se por considerar *apenas sua* data de morte, e não de Lyotard.

herança de Husserl: as noções de engajamento *fundamental e contingente* o mostram a contento, afinal esse estaria ligado ao *mundo da vida*, enquanto aquele remete ao plano transcendental – ou, seria mais adequado dizer *existencial*? Fato é que a filosofia de Marcel pretende *restituir o peso ontológico* à experiência humana, o que o coloca perto e distante de Husserl; perto, pois *a ontologia somente é possível como fenomenologia*, assevera Heidegger, e longe, afinal enquanto *ontologia regional* distancia-se do projeto de uma ontologia geral. Essa será, também, a localização de Sartre *em relação* a Husserl: um *herdeiro* que, a duras penas, *conquista* (constrói, ou *inventa* – como seria mais adequado) sua ontologia fenomenológica. E, dessa lista seleta, Sartre é o terceiro a morrer no dia 15 de abril de 1980: sua homenagem fica por conta de Thana Souza que, em oposição ao *idealismo husserliano*, volta seu foco para a filosofia de Sartre. E o que encontra não é mais que a *fenomenologia sartriana*. De Husserl, Sartre leva a fenomenologia para um terreno paradoxal que mantém ao mesmo tempo a *primazia ontológica da existência* e a *primazia fenomenológica do sentido*; assim, o realismo sartriano confere ao fenômeno aspectos de *revelação de ser*, o que permitirá ao filósofo francês, sem mais, *passar da ontologia* ao plano ôntico e vice-versa e, mais do que isso, superar o subjetivismo e o solipsismo, ao mesmo tempo em que sua filosofia é *realista* e visa a *concretude do mundo*. Embora *Tensão na ontologia fenomenológica de Sartre – ou o equilíbrio instável entre o primado da existência do mundo e o primado do sentido da consciência* tenha por tema geral a filosofia sartriana, de fato há aí um *debate profundo* com os rumos tomados pela filosofia de Husserl; ou, o que daria no mesmo, produzir uma filosofia que se *contraponha* aos rumos da filosofia do mestre é, ainda, *estar sob influência* da fenomenologia, tornada *filosofia de sua época*.

O primado ontológico do ser é, pelas mãos de Sartre, unido ao primado fenomenológico da consciência, o que faz de sua filosofia – graças a esse debate infindo com o idealismo – algo ao mesmo tempo *distante* tanto do realismo quanto do idealismo. O *homem-no-mundo*, absolutamente livre é, no mesmo ato, *contingente*, incapaz de realizar-se, *paixão inútil*; em Sartre, o combate ao idealismo de Husserl provoca o arrefecimento do *realismo radical* do início de sua filosofia. Assim, segundo a autora, ele *encaminha a fenomenologia husserliana* para o âmbito da existência, onde *ambiguidades e paradoxos* são muito mais adequados para se falar da condição humana do que a matemática ou *a lógica*. Em Sartre o mundo da vida se impõe de modo avassalador ao *etéreo transcendental* da fenomenologia, se *idealista*.

O jardim se amplia. Começa a parecer estranho pensar a fenomenologia como sendo apenas *um galho* que frutificou em abundância; sua filosofia se multiplica, ela ganha novas cores, ela retoma questões antigas numa perspectiva tão distinta que a filosofia parece se reinventar. De Husserl a Heidegger, dele às ontologias de Sartre e Merleau-Ponty, passando por Marcel e chegando a Foucault, um de seus rebentos mais polêmicos. André Yazbek cuida de homenageá-lo: trata-se de ter por alvo os *efeitos* do método fenomenológico para a constituição da obra de Foucault, que morreu no dia 25 de junho de 1984. Isso não significa, de modo algum, a mera filiação do filósofo a essa fonte inesgotável da fenomenologia, mas ao contrário, mostra antes (e mais) o quanto o *combate à fenomenologia* pode *produzir filosofia*: a arqueologia foucaultiana seria uma *realização contra-fenomenológica* tanto quanto o é a genealogia. Esse esforço, *grande e último* aos olhos de Foucault, de totalizar a multiplicidade da experiência histórica, terá na *reformulação da*

noção de sujeito seu mais alto obstáculo; e a *presença* de Canguilhem se fará sentir. O *esgotamento* da filosofia francesa – devotada ao *transcendental* – gera uma situação paradoxal: uma herança *às avessas*; não por acaso, *A herança às avessas da fenomenologia de Husserl no pensamento de Michel Foucault: da epistemologia francesa e da arqueologia como contra-fenomenologias* mostra que a base epistemológica francesa – já *fenomenológica* – é decisiva para fundar o pensamento foucaultiano. Assim, *As palavras e as coisas* se erige como a *anti-Krisis*: a filosofia permanece nessa tessitura *fenomênica*, compondo sua trama *sem fim*; a antropologia rouba a cena, na medida em que mais uma vez será ela a exigir seu quinhão, ou, se Husserl e sua fenomenologia leva à *experiência vivida*, Foucault em sua arqueologia já parte da *historicidade das formas da experiência*.

Para encerrar o passeio pelo jardim fenomenológico tem-se, ainda nesse dossiê, dois outros brotamentos filosóficos: Simondon, que morreu dia 7 de fevereiro de 1989, e Levinás em 25 de dezembro de 1995, representam filosofias que – já distantes da cepa, mas a ela ligadas por ramagens muito fortes – florescem com todo vigor. Alex Jardim e Warley Andrade serão os cicerones dessa perspectiva inusitada da filosofia francesa *contemporânea*: tendo por mote as noções de *individuação, diferença e imanência*, os autores promovem o debate entre Gilbert Simondon e Henri Bergson, de um lado, e de outro Husserl. Bergson *dividiu* a segunda metade do século XIX com Husserl, enquanto o auge da filosofia de Simondon será na década de 1960 (*quase* um século depois) – a fenomenologia *floresce*. *Individuação, imanência e diferença*: ressonâncias entre Gilbert Simondon e Bergson é prova disso, ao fazer ver que esse debate nada tem de extemporâneo, na medida em que Simondon pode

ser com justiça considerado um filósofo *da vida*; ele faz ver a *pertença* do homem ao âmbito do *vivente* o que, somado à crítica da técnica, faz de sua filosofia um ramo atípico mas, ainda assim, *fenomenológico*. No mesmo sentido entra o debate proposto por Ednilson Oliveira: *Emmanuel Lévinas e a herança fenomenológica: possível produção de uma teoria do conhecimento?* O autor inicia seu artigo mostrando a estreita vinculação da filosofia de Levinás à fenomenologia; o círculo se fecha, ao menos por hora – e de rabino a rabino – a preocupação *ética e metafísica* com a questão do outro, tendo por *inspirações longínquas* o Talmud e a Torah, adentram o vocabulário e ambiente fenomenológicos. A *iluminação transcendente* de Levinás, no extremo oposto do positivismo, leva a fenomenologia a seu limite. Apresenta-se o risco, tentação sempre presente, de mais uma vez retirar o destino da filosofia das mãos dos homens e devolvê-la a Deus; mas Ele já teve seus mil anos, enquanto a fenomenologia teve pouco mais de um século. Quais frutos ela ainda *reserva*?

Estranho falar da filosofia contemporânea a partir de um necrológio; mas nada mais revelador da *condição humana* do que o fracasso do projeto *eminentemente* husserliano de, *da finitude*, explicar *o infinito* (para lembrar uma constatação do saudoso Bento Prado Jr). Ou, em termos sartrianos, *nenhum filósofo* – nem mesmo Husserl, *com sua ideia fundamental* que poderia renovar toda a *ciência* humana – pôde realizar-se *em-si-para-si*. Que seja: *a história de toda existência* é a história de um fracasso. Ainda que Husserl, em suas mais de *40.000 páginas estenografadas* (e pouco conhecidas), não tenha sido capaz de *realizar seu projeto*, outros tantos permanecem tentando; muita coisa mudou de Husserl a Levinás, passando por Simondon, Foucault, Sartre, Marcel e Merleau-Ponty. A fonte é inesgotável, *a vara permanece*

florida. A fenomenologia está ali! Recupero aqui uma lembrança tocante, presente logo no primeiro artigo: Patocka relata que, mesmo a guerra entre os países não é suficiente para provocar a guerra *entre pessoas*. Acima dos pesquisadores chineses e japoneses em guerra, a fenomenologia; acima das *diferenças interpretativas*, o bom senso de *entranhar* o homem em seu mundo; *acima* do estrabismo e cegueira analítica, a proposta de um *olhar fenomenológico* que irmana a fenomenologia nascente à Frege.

A fenomenologia é, nos dias de hoje, um galho enorme em suas ramificações, mas que nasceu da *vara* que Husserl enterrou no tabernáculo de sua luta *contra o psicologismo*; Heidegger foi seu primeiro e maior *sacerdote*. Sartre, que juntamente a Merleau-Ponty ocupa o segundo posto nessa organização rabínica, cuidará de afirmar o *cogito* – ou, ao menos, exige dele partir – e, assim, garantir a *liberdade* do homem *situado* (tenha nisso a *sombra* de Bergson ou não). Merleau-Ponty segue o mesmo caminho: será o arauto da *carne*, tendo antes ensejado uma *fenomenologia da percepção* que coloca o *corpo* no centro do debate desse *movimento fenomenológico*. Tem ainda Adriano, Tommy, Ileno, Etienne, Léa, João, Fabio, Carlos, Claudinei, Thana, André, Alex, Warley e Ednilson... agradeço enormemente a contribuição.

Enfim, *sobre todos nós, a fenomenologia*.

Luciano Donizetti da Silva⁷

⁷ Doutor em Filosofia Contemporânea pela Universidade Federal de São Carlos (2006); professor do Departamento de Filosofia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora. Membro do Mestrado em Filosofia da UFJF. Editor responsável por esse volume. E-mail: donizetti.silva@ufff.edu.br